

LIÇÃO 11 - A Referência da Verdade e da Falsidade à Atualidade. A Exclusão da Falsidade das Coisas Simples e Eternas

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 10: 1051a 34-1052a 11

“ 806. Ora, os termos ser e não-ser são usados, num sentido, com referência às figuras categóricas; noutro, com referência à potencialidade ou atualidade destas ou de seus contrários; e, ainda noutro sentido, são referidos mais propriamente à verdade e à falsidade.

807. E, nas coisas, isso consiste em ser combinado ou ser separado. Portanto, aquele que pensa que o que está separado está separado, e que o que está combinado está combinado, está certo; mas aquele que pensa acerca das coisas de modo diferente do que elas são, está errado. E é necessário considerar o que queremos dizer quando afirmamos que a verdade e a falsidade existem ou não existem. Pois não é porque estamos certos ao pensar que és branco que tu és branco, mas é porque tu és branco que, ao dizer isso, falamos a verdade.

808. Portanto, se algumas coisas estão sempre combinadas e é impossível que sejam separadas, e outras estão sempre separadas e é impossível que sejam combinadas, e outras admitem ambos os contrários, então o ser consiste em ser combinado e ser um, e o não-ser consiste em não ser combinado e ser múltiplo. Portanto, com relação às coisas contingentes, a mesma opinião ou enunciado torna-se verdadeiro e falso, e é possível que, num tempo, seja verdadeiro e, noutro, seja falso. Mas, com relação àquelas coisas que são incapazes de ser de outro modo senão como são, uma opinião não é ora verdadeira e ora falsa, mas uma é sempre verdadeira e a outra sempre falsa.

809. No entanto, com relação às coisas que não são compostas, o que é o ser e o não-ser, e o que é a verdade e a falsidade? Pois tais coisas não são compostas, de modo a existirem quando combinadas e não existirem quando separadas; por exemplo, a proposição "A madeira é branca", ou a proposição "A diagonal é incomensurável". Nem a verdade e a falsidade ainda estarão presentes nelas da mesma forma que nas outras coisas. E assim como a verdade não é a mesma nestas coisas, de modo semelhante, tampouco o ser é o mesmo.

810. Mas a verdade ou a falsidade é como se segue: entrar em contato com uma coisa e expressá-la é a verdade (pois a expressão não é o mesmo que a afirmação), e não entrar em contato com uma coisa é a ignorância. Pois é impossível ser enganado acerca da quiddidade de uma coisa, exceto num sentido accidental; e o mesmo vale no caso das coisas incompostas, pois é impossível ser enganado acerca delas.

811. E elas são todas atuais e não potenciais, pois, de outro modo, seriam geradas e corrompidas. Mas o próprio ser não é gerado nem corrompido; do contrário, seria gerado a partir de algo. Portanto, com respeito a todas aquelas coisas que são realmente quiddidades e atualidades, é impossível ser enganado acerca delas, mas é necessário ou conhecê-las ou não. Mas acerca delas podemos perguntar o que são, isto é, se são tais e tais ou não.

812. Agora, considerando o ser no sentido de verdade e o não-ser no sentido de falsidade, no caso dos seres compostos há verdade se a coisa está combinada com o atributo que lhe é atribuído; no caso dos seres simples, a coisa é simplesmente assim. E se uma coisa é verdadeiramente um ser, ela o é de algum modo particular; mas se não é, ela não existe de modo algum. Novamente, a verdade significa conhecer esses seres, e não há nem falsidade nem engano acerca deles, mas apenas ignorância; mas não uma ignorância como a cegueira, pois a cegueira é como se alguém não tivesse capacidade intelectual alguma.

813. Quanto às coisas imóveis, é evidente que não há engano sobre elas no que diz respeito ao tempo, se alguém supõe que são imóveis. Por exemplo, se alguém supõe que um triângulo não muda, não opinará que ora seus ângulos são iguais a dois retos e ora não são; pois, do contrário, ele mudaria. Mas poderia supor que uma coisa tem tal e tal propriedade e que outra não tem; por exemplo, alguém poderia supor que nenhum número par é primo, ou que alguns são e alguns não são. Mas isso é impossível no que diz respeito a um único número; pois não se suporá que uma coisa é assim e outra não; mas, quer ele fale verdadeiramente ou falsamente, a coisa está sempre disposta da mesma maneira.

Verdade e falsidade

1895. Aqui o Filósofo compara a atualidade à potência com referência à verdade e à falsidade; e quanto a isso, faz três coisas. Primeiro, afirma que a verdade e a falsidade se referem principalmente à atualidade. Segundo (1896), explica o que pretende fazer ("E nas coisas"). Terceiro (1917), extrai um corolário ("E quanto às").

Assim, ele diz, primeiro, que, uma vez que o ser e o não ser, que é seu oposto, são divididos de duas maneiras: primeiro, nas diferentes categorias — substância, quantidade, qualidade e assim por diante; e segundo, na potência e atualidade de um ou outro dos contrários (já que um dos dois contrários pode ser atual ou potencial), segue-se que verdadeiro e falso são predicados mais propriamente do que é atual.

1896. **E nas coisas** (807).

Agora ele prova sua tese; e quanto a isso, faz três coisas. Primeiro, torna isso claro no caso das substâncias contínuas; e segundo (1901), no das substâncias simples ("No entanto, com relação"). Terceiro (1914), resume ambas ("Agora considerando").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, explica sua tese, dizendo que nas coisas "isso", i.e., ser verdadeiro ou falso, consiste meramente em estar combinado ou estar separado. Portanto, aquele que pensa que o que está separado na realidade está separado, tem uma opinião verdadeira — por exemplo, aquele que pensa que o homem não é um asno. E o mesmo vale para aquele que pensa que o que está combinado na realidade está combinado — por exemplo, aquele que pensa que o homem é um animal. Mas, por outro lado, aquele que relaciona as coisas no pensamento de maneira diferente do que são em sua própria natureza própria tem uma opinião errônea — por exemplo, aquele que pensa que o homem é um asno, ou que ele não é um animal — porque quando uma coisa é ou não é, então se diz que é verdadeira ou falsa.

1897. Isso deve ser entendido da seguinte forma: você não é branco porque pensamos verdadeiramente que você é branco; mas, inversamente, pensamos que você é branco porque você é branco. Portanto, foi mostrado que a maneira como uma coisa está disposta é a causa da verdade tanto no pensamento quanto na fala.

1898. Ele acrescenta isso para esclarecer o que disse acima, ou seja, que nas coisas a verdade e a falsidade consistem em estar combinado e estar separado. Pois a verdade e a falsidade encontradas na fala e no pensamento devem ser atribuídas à disposição da coisa como sua causa. Ora, quando o intelecto faz uma combinação, ele recebe dois conceitos, um dos quais está relacionado ao outro como uma forma; portanto, ele toma um como estando presente no outro, porque os predicados são tomados formalmente.

Portanto, se tal operação do intelecto deve ser atribuída a uma coisa como sua causa, então nas substâncias compostas a combinação de matéria e forma, ou também a combinação de sujeito e acidente, deve servir como fundamento e causa da verdade na combinação que o intelecto faz em si mesmo e expressa em palavras. Por exemplo, quando digo: "Sócrates é um homem", a verdade desta enunciação é causada pela combinação da forma humanidade com a matéria individual por

meio da qual Sócrates é este homem; e quando digo: "O homem é branco", a causa da verdade desta enunciação é a combinação da brancura com o sujeito. É semelhante em outros casos. E o mesmo é evidente no caso da separação.

1899. **Portanto** (808).

Em segundo lugar, ele conclui do que foi dito que, se a combinação e a separação de uma coisa são a causa da verdade e da falsidade no pensamento e na fala, a diferença entre verdade e falsidade no pensamento e na fala deve ser baseada na diferença entre a combinação e a separação do que existe na realidade. Ora, na realidade, tal diferença é considerada como envolvendo combinação e separação, porque (1) algumas coisas estão sempre combinadas e é impossível que sejam separadas; por exemplo, a natureza sensitiva está sempre unida à alma racional, e é impossível que esta seja separada daquela de tal forma que a alma racional possa existir sem o poder de sensação, embora, por outro lado, uma alma sensitiva possa existir sem razão. Além disso, (2) algumas coisas estão separadas e é impossível que sejam combinadas, por exemplo, preto e branco, e a forma de um asno e a de um homem. Novamente, (3) algumas coisas estão abertas a contrários, porque podem ser combinadas e separadas, como homem e branco e também correr.

1900. No entanto, o ser no qual consiste o ato de combinar do intelecto, na medida em que há afirmação, indica uma certa composição e união; enquanto o não ser, que a negação significa, elimina a composição e a união e indica pluralidade e alteridade. Portanto, foi mostrado que, no caso das coisas que podem ser combinadas e separadas, uma mesma afirmação é às vezes verdadeira e às vezes falsa; por exemplo, a afirmação "Sócrates está sentado" é verdadeira quando ele está sentado; mas a mesma afirmação é falsa quando ele se levanta. E o mesmo vale no caso do pensamento.

Mas, com relação àquelas coisas que não podem ser diferentes do que são, i.e., aquelas que estão sempre combinadas ou separadas, é impossível que o mesmo pensamento ou afirmação seja às vezes verdadeiro e às vezes falso; mas o que é verdadeiro é sempre verdadeiro, e o que é falso é sempre falso; por exemplo, a proposição "O homem é um animal" é verdadeira, mas a proposição "O homem é um asno" é falsa.

1901. **No entanto, com relação a** (809).

Agora ele explica como a verdade e a falsidade podem estar presentes nas coisas simples; e, a respeito disso, faz três coisas. Primeiro, mostra que a verdade não está presente da mesma maneira nas coisas simples e nas compostas. Ele diz que, no caso das coisas que não são compostas, mas simples, como as substâncias imateriais, a verdade ou a falsidade não estão presentes nelas (~) como resultado de qualquer combinação ou separação que ocorra na realidade, mas (+) surgem porque sua quiddidade é conhecida ou não conhecida. Pois, quando adquirimos conhecimento da quiddidade de qualquer ser simples, o intelecto parece ser verdadeiro; e, quando falhamos em adquirir conhecimento de sua quiddidade, mas atribuímos outra coisa a ela, o intelecto é então falso.

1902. Pois não há composição nos seres simples como consequência da qual se pudesse dizer que, quando a coisa é combinada, o intelecto ao fazer uma combinação é então verdadeiro; ou que, quando aquilo que o intelecto combina é separado na realidade, o intelecto então não é verdadeiro. Ou para expressar isso de outra forma, não há composição nas coisas simples pela qual, quando expressamos afirmativamente que é assim, sua composição é significada; e quando expressamos negativamente que não é assim, sua separação é significada; como, por exemplo, no caso das coisas compostas, quando se diz que um pedaço de madeira é branco, sua composição é significada, ou quando se diz que não é branco, ou que a diagonal não é comensurável, sua separação é significada.

1903. Assim, é evidente que a verdade e a falsidade não estão presentes nas coisas simples da mesma forma que nas compostas. Nem isso é surpreendente, uma vez que o ser também não é o mesmo em ambas; mas o ser das coisas compostas resulta de seus componentes, enquanto o das coisas simples não. Ora, a verdade segue o ser, porque, como foi dito no Livro II (298) desta obra, a estrutura das coisas no ser e na verdade é a mesma.

Por isso, aquelas coisas que não são semelhantes no ser não são semelhantes na verdade.

1904. **Mas a verdade** (810).

Em segundo lugar, ele mostra como a verdade e a falsidade estão presentes nas coisas simples. Ele diz que, no caso das coisas simples, a verdade e a falsidade são tais como será explicado; pois entrar em contato com uma coisa simples através do intelecto, de modo a apreender o que ela é "e expressá-la", isto é, significar esta coisa simples por uma palavra, constitui a verdade presente nas coisas simples. E, como às vezes a palavra "expressar" é tomada por predicação afirmativa, que envolve composição, ele rejeita esta interpretação. Ele diz que afirmação e expressão não são a mesma coisa, porque a afirmação ocorre quando uma coisa é predicada de outra, e isso implica combinação, enquanto a expressão é a enunciação simples de algo.

1905. Portanto, entrar em contato com as coisas simples através do intelecto e expressá-las constitui verdade; mas não entrar em contato com elas é não conhecê-las de modo algum. Pois quem não apreende a quiddidade de uma coisa simples é completamente ignorante dela; porque não se pode tanto conhecer quanto não conhecer algo sobre ela, já que ela não é composta.

1906. Além disso, já que ele dissera que entrar em contato com as coisas simples é expressar sua verdade, pareceria que não entrar em contato com elas é ($\sim$) ser falso ou estar em erro. No entanto, ele não disse isso, mas disse que não entrar em contato com elas é (+) não conhecê-las.

Daí ele dá a razão pela qual não entrar em contato com elas não é estar em erro sobre elas, dizendo que é possível estar em erro sobre sua quiddidade apenas acidentalmente; e isso deve ser entendido como se segue.

1907. Foi dito acima no Livro VII (1362) e no Livro VIII (1710) que, no caso das substâncias simples, a própria coisa e sua quiddidade são uma e a mesma. Portanto, já que uma substância simples é sua própria quiddidade, o juízo sobre o conhecimento de uma substância simples e o juízo sobre o conhecimento de sua quiddidade são um e o mesmo. Mas o intelecto é enganado sobre uma quiddidade apenas acidentalmente; pois ou uma pessoa entra em contato com a quiddidade de uma

coisa através de seu intelecto, e então conhece verdadeiramente o que essa coisa é; ou não entra em contato com ela, e então não sabe o que ela é. Portanto, com relação a tal coisa, o intelecto não é nem verdadeiro nem falso. É por isso que Aristóteles diz no Livro III de *Da Alma* que, assim como um sentido é sempre verdadeiro com relação ao seu objeto próprio, de modo semelhante o intelecto é sempre verdadeiro com relação ao seu objeto próprio — a quiddidade.

E o fato de o intelecto não ser enganado sobre a quiddidade de uma coisa se aplica não apenas no caso das substâncias simples, mas também no das compostas.

1908. Ora, é necessário considerar como se pode ser acidentalmente enganado sobre uma quiddidade. Pois uma pessoa é enganada sobre uma quiddidade apenas como resultado de combinar ou separar; e com relação às substâncias compostas, isso pode ocorrer de duas maneiras. (1) Primeiro, pode ocorrer combinando uma definição com algo definido ou separando-as; por exemplo, se alguém dissesse que um asno é um animal racional mortal, ou que um homem não é um animal racional mortal, ambos seriam falsos. (2) Segundo, na medida em que uma definição é composta de partes que são incompatíveis entre si; por exemplo, se alguém desse esta definição — homem é um animal não sensível. Assim, uma definição é dita falsa da primeira maneira porque não é a definição desta coisa; e da segunda maneira é dita falsa em si mesma, como o Filósofo nos instruiu acima no Livro V (1132).

1909. Ora, podemos ser enganados acidentalmente sobre a quiddidade das substâncias simples apenas da primeira maneira; pois sua quiddidade não é composta de muitas partes na combinação e separação das quais a falsidade pode surgir.

1910. **E elas são** (810).

Ele adapta suas observações sobre substâncias simples à sua tese principal, na qual mostra que a verdade envolve atualidade em vez de potência. De fato, ele já havia mostrado que isso é verdadeiro no caso das substâncias compostas, na medida em que sua verdade incorpora combinação e separação, que designam atualidade. Mas ele mostra que isso é verdadeiro no caso das substâncias simples pelo fato de que elas não contêm falsidade, mas apenas verdade. E, por essa razão, não são potenciais, mas atuais.

1911. Ele diz, portanto, que todas as substâncias simples são seres atuais e nunca potenciais; pois, se fossem ora atuais e ora potenciais, seriam geradas e corrompidas. Mas isso não pode ocorrer, como foi mostrado acima (1715), pois substâncias desse tipo são apenas formas e, por essa razão, são também seres por si mesmas. Ora, o que existe por si mesmo não é gerado nem corrompido, pois tudo o que é gerado é gerado a partir de algo.

Mas o ser em sentido absoluto não pode ser gerado a partir de nada; pois não há nada além do ser, exceto além de algum ser particular, assim como há algum ser além do homem. Logo, esse ser pode ser gerado em sentido qualificado, mas o ser em sentido absoluto não pode.

Portanto, o que é um ser por si mesmo, por ser uma forma, da qual o ser naturalmente decorre, não pode ser gerado; e, por essa razão, não é ora potencial e ora atual.

1912. Assim, uma vez que a verdade consiste principalmente na atualidade, não é adequado que haja erro ou falsidade em todas aquelas coisas que são apenas atuais e são o que algo verdadeiramente é, já que são quididades ou formas; mas elas devem ser ou compreendidas, se forem apreendidas pelo intelecto, ou não compreendidas de modo algum, se não forem apreendidas pelo intelecto.

1913. Mas, embora seja impossível ser enganado acerca dessas coisas quanto à sua essência, isso é, no entanto, possível quando "perguntamos o que elas são", isto é, se elas são de tal e tal natureza ou não. Logo, é possível ser enganado acerca delas acidentalmente, como alguém poderia perguntar se uma substância simples é fogo ou uma substância corpórea ou não, porque, se for considerada uma substância corpórea, haverá falsidade acidentalmente como resultado da combinação.

1914. **Agora considerando** (812).

Ele resume as afirmações que fez sobre verdade e falsidade tanto com referência às coisas compostas quanto às simples. Ele diz que este ser, que significa verdade, e o não-ser, que significa falsidade (porque quem diz que um homem é branco significa que isso é verdadeiro; e quem diz que um homem não é branco significa que isso é falso), ser e não-ser nesse sentido, digo, são usados (1) de um modo no caso da composição das coisas. Isto é, há verdade se o que o intelecto combina está combinado na realidade, mas há falsidade se o que o intelecto combina quando compreende ou forma uma proposição não está combinado na realidade.

1915. (2) E a verdade existe de um modo diferente no caso das coisas simples, se o que é verdadeiramente um ser", i.e., a quididade ou substância de uma coisa simples, é como é compreendido ser; mas, se não é como é compreendido ser, nenhuma verdade existe no intelecto. Assim, a verdade consiste em compreender essas coisas; mas acerca delas não há nem falsidade nem erro no intelecto, como foi explicado (1912), mas ignorância; pois, se alguém não apreende a quididade de uma coisa, não conhece essa coisa de modo algum. No caso das coisas compostas, no entanto, pode-se conhecer uma de suas propriedades e ser enganado sobre as outras.

1916. Além disso, ele mostra que tipo de ignorância é esta quando diz que essa ignorância não é "uma privação como a cegueira", que é a privação da capacidade de ver. Logo, essa ignorância seria semelhante à cegueira se alguém não tivesse o poder intelectual de adquirir conhecimento das substâncias simples.

E disso é evidente que, segundo a opinião de Aristóteles, o intelecto humano pode adquirir uma compreensão das substâncias simples. Este é um ponto que ele parece ter deixado sem solução em *Da Alma*, Livro III:3.

1917. **E acerca** (813).

Aqui ele introduz um corolário. Diz que é evidente pelo que foi dito que não há erro acerca de coisas imóveis quanto ao tempo. Mas, no caso de coisas contingentes, que nem sempre são assim, é possível errar acerca delas quanto ao tempo; por exemplo, se Sócrates vai se sentar e alguém julgasse que isso é assim, poderia ser enganado na medida em que julgasse que Sócrates vai se sentar quando não vai. O mesmo ocorreria se alguém pensasse que um eclipse ocorrerá quando

não ocorrerá. Mas, no caso das coisas imóveis e daquelas que sempre são, o acima só pode ocorrer de um modo, i.e., se alguém pensasse que essas coisas são móveis e que nem sempre existem; pois então está em erro acerca delas, mas não estaria em erro quanto ao tempo. Logo, ele diz que, se alguém pensa que elas são imóveis, não será enganado acerca delas quanto ao tempo.

1918. Ele diz isso, então, porque, se alguém supõe que elas são imóveis, não pensará que elas ora são e ora não são e, assim, não é enganado acerca delas quanto ao tempo. Por exemplo, se alguém pensa que um triângulo é imutável, não terá a opinião de que a soma de seus ângulos às vezes será igual a dois ângulos retos e às vezes não, pois então seria tanto mutável quanto imutável.

1919. Mas, no caso das coisas imóveis, é possível considerar sob um aspecto comum uma coisa que tem tal e tal propriedade e outra que não tem; por exemplo, é possível compreender que, sob o triângulo, alguns triângulos são equiláteros e outros não. E é possível perguntar se nenhum número par é primo, ou se alguns são e outros não — sendo número primo aquele que apenas a unidade mede. Logo, entre os números pares, apenas o número dois é um número primo, mas nenhum dos outros.

E quanto ao que é numericamente uno, no caso das coisas imóveis é impossível errar ou ser enganado mesmo nisto [tomar uma coisa que tem e outra que não tem certa propriedade]. Pois, no caso de algo numericamente uno, é impossível que alguém pense que um indivíduo pode ser assim e outro não; pois o que é numericamente uno não se divide em muitos. Portanto, ele terá que dizer o que é verdadeiro ou falso em sentido absoluto, já que o que é numericamente uno sempre existe da mesma maneira e é incapaz de ser diversificado seja no tempo ou nos sujeitos. Disto fica claro que a verdade tem a ver com a atualidade; pois as coisas imóveis como tais são sempre atuais.

Revision #2

Created 17 September 2026 23:09:39 by Admin

Updated 17 September 2026 23:21:58 by Admin